

BACHELARD, O PENSAMENTO E A VIDA

BACHELARD, LA PENSÉE ET LA VIE

Fernando da Silva Machado¹

RESUMO: O objetivo do presente artigo é elaborar uma cuidadosa leitura da interpretação que, na década de 1930, Gaston Bachelard promove do pensamento de Henri Bergson, com ênfase em dois de seus escritos: *A intuição do instante* e *A dialética da duração*. A hipótese central que desenvolveremos aqui é a de que a leitura bachelardiana do bergsonismo se funda sobre o conceito de vida, a partir do qual o filósofo aspira estabelecer certa distância teórica em relação à metafísica bergsoniana, a saber, via um idealismo que perpassa toda sua reflexão. Esperamos, com isto, além de contribuir tanto para a fortuna crítica da obra destes dois grandes pensadores, também apresentar o cerne das perspectivas filosóficas que eles legam à história da filosofia francesa contemporânea, considerando suas respectivas colaborações para o debate a respeito do problema tradicional do tempo e da vida.

PALAVRAS-CHAVE: Vida; Pensamento; Duração; Tempo.

RÉSUMÉ: L'objectif de cet article est d'élaborer une lecture attentive de l'interprétation que, dans les années 1930, Gaston Bachelard promeut la pensée d'Henri Bergson, en insistant sur deux de ses écrits: *L'intuition de l'instant* et *La dialectique de la durée*. L'hypothèse centrale que nous développerons ici est que la lecture bachelardienne du bergsonisme repose sur le concept de vie, à partir duquel le philosophe aspire à établir une certaine distance théorique par rapport à la métaphysique bergsonienne, à savoir, à travers un idéalisme envahissant toute votre réflexion. Nous espérons, avec cela, en plus de contribuer tant à la fortune critique de l'œuvre de ces deux grands penseurs, présenter également l'essentiel des perspectives philosophiques qu'ils lèguent à l'histoire de la philosophie française contemporaine, compte tenu de leurs apports respectifs à le débat sur le problème traditionnel du temps et de la vie.

MOTS-CLÉS: Vie; Pensée; Durée; Temps.

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade federal de Goiás. E-mail:
fernando.silva.machado.fm@gmail.com

INTRODUÇÃO

A obra do filósofo francês Gaston Bachelard (1884-1962), por se dividir em vertentes de investigação tidas como tão dessemelhantes, uma dedicada à reflexão epistemológica (ciência) e outra à filosofia literária (poética), por vezes, carrega a marca de uma duplicidade característica. Essa dualidade, como indica Lecourt (1978, p.41), “deve ser tomada como uma unidade” e não enquanto uma oposição recíproca. De fato, há um sentido todo especial de complementaridade entre isto que podemos identificar como duas vertentes de seu pensamento, às quais são desenvolvidas a partir do estudo da Razão e Imaginação.²

Nesse sentido, afirma Canguilhem (1979, p.136-137): “Bachelard, embora diferentemente ligado à ciência e à poesia, à razão e à imaginação, não tem nada de maniqueísta. Ele se dedicou a assumir o papel e o risco de um filósofo concordatário”. Não cabe, no espaço deste artigo, reconstituir e explicitar os detalhes dessas duas faces do pensamento e da obra do filósofo, que se estende da década de 20 até a década de 60 do século passado, pois essa dualidade concordante e harmônica de sua filosofia não passa despercebida aos olhos dos muitos especialistas que tem se ocupado dela. Diante do alcance e conteúdo da produção bachelardiana não há, como defendem alguns, uma mudança nem total e muito menos parcial de perspectiva quando se passa de uma epistemologia para uma poética neste pensamento, como se tratássemos de um abandono em vias de uma nova retomada metodológica em formação. Pensamos que não há como ler os textos bachelardianos sem que se apresentem determinadas especificidades conceituais e teóricas, entretanto, também vigora uma inegável sensação de que daí brota uma unidade alcançada por meio de uma polaridade colaborativa, caracterizada por um impulso dialético complementar que nos permite pensar diversas questões, como a do tempo e da vida, por exemplo, à luz desses muitos

² Indicamos aqui o excelente livro que trata do tema das duas fases do pensamento bachelardiano de maneira introdutória: BULCÃO. M. (Org). *Bachelard: razão e imaginação*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2005.

enlaces e elaborações teóricas. Citamos alguns célebres comentadores que defendem tal interpretação, como por exemplo, Vadée, Lecourt, Canguilhem.

Em vista de assumirmos essa postura que busca ultrapassar o célebre problema da divisão das vertentes, buscaremos apresentar um entendimento da filosofia de Bachelard que tem como núcleo central uma preocupação metafísica com o problema da vida, florescendo pela primeira vez em suas obras da década de 30: *A intuição do instante* (1932) e *A dialética da duração* (1936), em meio, vale dizer, à transição já apontada entre as fases de seu pensamento logo acima. Não é à toa que quando se fala de vida, ou melhor, quando se fala de uma metafísica vitalista, necessariamente, deveremos interrogar, com certo receio de não encontrar uma resposta definitiva – mas que aqui constituirá um segundo impulso investigativo – que tipo de metafísica é ensinada por Bachelard para além da metafísica discursiva, ou seja, aquela metafísica do cientista que é discutida na primeira fase de seu pensamento. Em suma, podemos formular a seguinte pergunta geral para a presente investigação: Como essa metafísica se conecta a uma definição do conceito de vida que também precisamos circunscrever?

Lembrando que a noção de discursividade aqui do termo metafísico, aplicado por Bachelard ao discurso teórico das disciplinas científicas contemporâneas, expressaria toda a rebeldia e petulância do novo espírito científico para com as leis universais e os sistemas metafísicos ultrapassados, ademais, tema da sofisticada tese do autor a respeito da atitude do cientista diante do conhecimento, eminentemente discursivo, em oposição à verdade frágil e intuitiva dos realistas de primeira aproximação, e mesmo dos filósofos. Podemos conferi-la principalmente em suas obras *A filosofia do não* (1940) e *O novo espírito científico* (1934).

Retornando uma vez mais às suas obras temporais, onde nos é apresentado o esboço dessa metafísica especial, desejamos demonstrar de que modo se desenvolve o espírito metafísico bachelardiano na medida em que problematizaremos o próprio registro desta tipologia conceitual muito própria de seu pensamento. Sobretudo por termos que esclarecer tão bem quanto nos for possível que postura metafísica é essa que o filósofo assume diante do

problema da vida, também nos perguntaremos de onde provêm algumas das noções que entendemos como centrais em tal reflexão, dentre as quais naturalmente se destacam as noções de instante e duração. Ao propor que o problema da vida subjaz a uma pesquisa que busca averiguar qual a verdadeira realidade do tempo, estamos inclinados a estabelecer, como eixo nodal de nossa reflexão, que o próprio “verbo ser, que carrega a definição do conceito de vida, está entranhado à ideia de existência, e a ideia de existência impõe a noção de tempo” (NOÛY, 1936, p.187).

Bachelard e Bergson: o problema da Vida e do Tempo

A interrogação filosófica a respeito do conceito de vida deriva de uma discussão muito própria do cenário filosófico ocidental que assume contornos particulares a partir de meados do século XIX, preocupação que se estende por todo século XX. Tal conjuntura recupera, no mais das vezes, as pesquisas inventariadas pelas ciências biológicas do século XVIII, reelaboradas, por sua vez, pelas investigações elencadas pelas ciências e filosofias das ciências no século XIX e que influenciarão definitivamente todas as metafísicas ditas vitalistas que viriam surgir posteriormente.

Nesse desenvolvimento do problema da vida, Bergson (1859-1941), sem dúvida, representa um marco decisivo. Vale reforçar que os dois livros sobre o tempo de Bachelard rompem radicalmente com bergsonismo (proposta destacada pelo próprio autor nestas obras) que era até então a filosofia de maior influência entre os intelectuais franceses no período entre Guerras. Sobretudo depois do marco que constituiu a publicação da obra *A evolução criadora* (1907), onde Henri Bergson, filósofo tido como mobilista e espiritualista, dedicara-se a discussão do conceito de duração associada ao tema da vida em continuidade com seus estudos precedentes, em particular no *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência* (1889) e em *Matéria e memória* (1896).

Surge então um debate deferente que visa reconsiderar as teses do ganhador do Nobel de Literatura de 1927, a respeito da duração e de sua estrita

conexão com a noção de vida, porém, não mais a partir do conceito guia de continuidade. Bachelard é um dos pensadores desse período que oporá à continuidade da duração o conceito de descontinuidade, cujas raízes, a despeito da oposição, alcançam o mesmo solo bergsonianos, isto é, a vida. Logo nas primeiras páginas de *A intuição do instante*, Bachelard escreve: “O tempo só tem uma realidade, a do Instante” (BACHELARD, 2010, p.15).

Teses de um filósofo racionalista, já podemos dizer, e que devem ser relacionadas a uma perspectiva muito particular dentro de sua própria filosofia. Fala-se, portanto, de uma “atomização do tempo”, uma “arimetização franca do tempo” que desmantelam a evidência intuitiva da duração que escorre em prol de provas discursivas que salvaguardavam o devir daquilo que existe e que se constitui enquanto vivo (BACHELARD, 2010, p.31).

O tempo só se observa pelos instantes, a duração - veremos como - só é sentida pela composição de instantes. Ele é uma poeira de instantes, ou melhor, um grupo de pontos que um fenômeno de perspectiva solidariza de forma mais ou menos estreita. Porque se percebe bem que agora é preciso descer até os pontos temporais sem nenhuma dimensão individual. A linha, sob a qual os pontos são reunidos os pontos, constitui e esquematiza a duração que não passa de uma função panorâmica e retrospectiva, cujo caráter subjetivo e secundário mostraremos a seguir (BACHELARD, 2010, p.35).

O Pensamento

Se, para Bergson, o problema da tradição de pensamento no ocidente – de Platão a Kant – foi que se passou a considerar como modelo de produção de saberes o “espírito sistemático”, orientando a própria metafísica na via de uma “recusa da duração”, Bachelard mostrará que a noção de vida, que não se dá apenas no tempo, cuja estrutura formal da temporalidade envolve de modo direto o ser do homem, permanece diretamente relacionada com o modo como se produz conhecimento. É a partir de um estado de abstração do espírito rumo à ordenação de ritmos vitais mais próprios que a realidade temporal atômica

do instante reflui em direção a ordenação da duração de nosso ser pelo pensamento (VIEILLARD-BARON, 2007, p.81).

Parece, então, que toda uma cultura do autor de *A evolução criadora* carrega os ares do passado no perfume das grandes novidades, mas que nega, por sua vez, como disse Foucault (1977, p.6) em *A história da loucura* (1963), que “a racionalidade do que ameaça a vida é idêntica à racionalidade da própria vida. Elas não estão, uma em relação à outra, como a natureza está para a contra-natureza, mas se ajustam e se superpõem em uma ordem natural que lhes é comum”. Para além de uma proximidade que nos é aparente entre interesses filosóficos comuns nos dois autores, ou seja, através daquela preocupação com o ser vivente em seu aspecto metafísico transpassado por uma duração - o que Bergson chamou de uma “atenção à vida” em *A consciência e a vida* (1911) -, apontamos para a possibilidade de que haja uma definição da noção de vida (objetivo central em nossa pesquisa) marcada por este distanciamento filosófico entre Bachelard e Bergson que instauram, se pudermos dizer, dois momentos particulares da filosofia francesa contemporânea.

Ao avançarmos na problematização da vida, já no terreno do pensamento bachelardiano, em meio a uma busca por delinear tal ideia, amparados pela noção de tempo, longe de configurar um materialismo realista que Jean Wahl em seu *Tableau de la Philosophie* soube identificar nas obras filosóficas do século XVIII (um tipo clássico de vitalismo que não configura nada mais que um “retorno ao Renascimento” e que se desfaz aqui nas obras temporais de Bachelard), pressupomos, que tal pesquisa deixe subentendido já de início que a totalidade do pensamento que “vai de Leibniz a Bergson” talvez não atinja “a unidade da vida”, como sonhou Diderot certa vez, a não ser que nos seja permitido aproximar a vida e pensamento puro (racional) (WAHL APUD CANGUILHEM, 2012, p.105). Essa constitui nossa primeira síntese de ideias a respeito desta “disputa” filosófica.

Através da magnitude de uma vida intelectual ou, como expressou Brunschvicg, a “vida espiritual”, ficará patente a radicalização do ato de se pensar diante da realidade concebida por meio de um choque com a vida vivida,

imediate, pois ao abandonar aquilo que a ela se impõe enquanto realidade concreta faz-se da “razão um destino”, basta determo-nos em uma dificuldade sempre particular para vermos como viver é pensar no sentido de uma desnaturalização do mundo ou, segundo Bachelard, uma desmistificação dos sentidos, um abandono da simplicidade e da opinião comum (BACHELARD, 1979, p.174). Mas como ver em todas essas reflexões que o hábito primordial do pensamento iluminava a própria vida? Quais garantias nos serão ofertadas em nossa busca pela definição da noção devida a partir de uma aproximação com o ato de se pensar, já que uma definição de tal noção, segundo se vê na filosofia bachelardiana, força a transposição das fronteiras de seus estudos epistemológicos – ou mesmo é balizado por eles – chegando até os limites não colonizados de uma metafísica do tempo?

A Vida

225

Deste modo, ao destacarmos o problema da vida em conexão com a ação dialética temporal que define o próprio ser, nos parece que há uma ruptura conceitual que percorre toda a obra *A dialética da duração*. Ela se dá por uma oposição marcante entre o tempo da vida e o tempo do pensamento. Resumimos tal proposição como hipótese complementar de nossa pesquisa que ensaia uma resposta para o problema da vida, representada pela acepção presente, lida logo início de *A dialética da duração*: é preciso promover um “choque entre espírito e vida”, ampliada por outras noções que fazem face ao objeto conceitual de nossa pesquisa, como, por exemplo, as noções de vida vivida e vida pensada.

Todavia, nesta oposição conceitual, perguntamos: estaria enunciado um intelectualismo delimitado por Bachelard a partir dessa proposição que valoriza o tempo pensado em relação ao tempo da vida, ou no mínimo, submete o tempo da vida ao tempo do próprio pensamento que a organiza? Ora, importa compreendermos que se quisermos aplicar um racionalismo bem regulado à vida, que chamaríamos de um racionalismo vitalista em Bachelard, ancorado em uma filosofia metafísica idealista, ou seja, fundado no valor da própria vida,

isto só seria possível se amparado por uma *vontade de vida* que emana do próprio pensamento ou, para usar uma expressão do próprio filósofo, enquanto “uma vontade de ultrapassar a vida” (BACHELARD, 1994, p.76).

Ultrapassando a própria esfera da vida comum o pensamento deseja enriquecê-la aproximando o espírito do conceito e o próprio conceito da vida por meio de uma metafísica que busca realizar-se junto da ideia complexa de bem viver, de busca por uma felicidade repousante. Por isso, poderíamos dizer, uma vida pensada é uma vida desmaterializada. Esse argumento permite que liguemos a reflexão que ensaiamos até aqui com a tese que define precisamente o que é a vida em *A dialética da duração*, a partir do tema da ritmanálise de Pinheiro dos Santos.³ Essa temática se relaciona diretamente com a discussão desenvolvida pelo próprio Bachelard a respeito das durações dialéticas dadas por superposições de ritmos vitais (orgânicos e biológicos) bem ordenados. O pensamento faz com que os ritmos superiores de nosso ser se consolidem sob o eixo racional, entendido como o eixo temporal da “personalização formal” (BACHELARD, 1994, p.93). Diante destas durações que são essencialmente ondulatórias, o pensamento vibra. Portanto, a formalização superior do pensamento que busca valorizar a vida por buscar ultrapassá-la, lançando-a para além do mundo terreno, abre as possibilidades de uma reflexão metafísica ensejada por Bachelard nestas obras sobre o tempo.

Mas, no fundo, Bachelard faz uma aposta ousada, estabelecendo ao mesmo tempo o fundamento de sua ontologia e sua oposição marcante a um

³ Bachelard revelou-se um interveniente que soube tanto interpretar a ritmanálise quanto tomar de empréstimo alguns dos conhecimentos apresentados por Pinheiro dos Santos em seu livro principal que expõe o método ritmanalítico de título homônimo (*La rythmanalyse*), escrito em 1931. Mas quem foi Pinheiro dos Santos, o que apreendeu exatamente Bachelard de seus escritos? Em seu pequeno livro de introdução à ritmanálise, um dos únicos que encontramos a respeito deste tema, com o título *O essencial sobre a ritmanálise*, Rodrigo Sobral Cunha (2012, p.7) expõe que Pinheiro dos Santos fora um matemático, físico, psicólogo, professor e político luso-brasileiro que assim se denominou porque passou metade de sua vida em Portugal, onde nasceu, e a outra metade, período de “sua vida pensada”, “na margem atlântica do Novo mundo”, i.e, no Brasil. Fato histórico curioso é que Bachelard tomou o lugar da residência de Pinheiro dos Santos como sendo o lugar onde ela nascera. Isso confundiu por muito tempo a brasileiros e franceses sobre sua verdadeira identidade, tido por alguns como filósofo fantasma. Segundo Cunha (2012, p.15), essa definição pode ser encontrada no livro de Jorge Jaime, intitulado: *A história da filosofia no Brasil* (1999). No livro Lúcio Pinheiro dos Santos foi tomado como filósofo brasileiro, e como se não bastasse, um filósofo fantasma e a pouca repercussão de sua obra, por motivos que não nos interessa agora, o tornou quase anônimo, seja para público europeu ou sul-americano.

realismo metafísico. Por exemplo, o bergsoniano seria uma filosofia em sua conformação demasiadamente antípoda, porém, em essência, busca a evidenciação da mesma realidade, a saber: a duração contínua. Destarte, ao contrário de Bergson, Bachelard acredita que o espírito age em função de uma valorização da vida sempre pensada ao invés de sentida (experimentada sensivelmente). O espírito responde ao instante vivido em sua novidade e contingência idealmente, este é o verdadeiro motor da experiência concreta do homem, já que para além das coisas e do mundo, o ser do homem se interioriza ordenando seus ritmos mais próprios em oposição à duração linear dos fluxos sociais. O estado de vigília constante, racional talvez seja a maior prova do que dissemos. Nota-se aí a herança cartesiana de Bachelard, quase que como uma apropriação metodológica original de seu não-cartesianismo, destacado anos antes em *O novo espírito científico* (1934).

Por sua vez, o filósofo de Bar-sur-Aube chega à conclusão de que a vida real é a vida desmaterializada de nosso espírito que se realiza através de ações complexas do intelecto. Claro que tal aposta não é infundada. Primeiramente, ele usufrui dos ensinamentos da ciência ondulatória que compreende a matéria como sendo um acontecimento desmaterializado, isto é, determinado pela experiência primeira do mundo, a saber, a experiência realista. A partir da dualidade onda/matéria é fácil pressupor que o conceito é pensamento e que a realidade é noumenológica, logo, porque não seria também a vida metafísica espírito e conceito? Ao aceitarmos esta premissa, uma vida que pode revelar-se para além das explicações delegadas pelo senso comum, e que pode livrar-se delas, propaga-se por meio de uma sintonia energética que surge no espírito até a realidade concreta e não o inverso, como pressupõe, por exemplo, Bergson, quando, a exemplo de Husserl, delega a experiência pura e constante a um retorno às coisas mesmas, fonte inesgotável do movimento eterno refletido na própria duração tida como inquebrantável.

Conclusão

As teses temporais bachelardianas harmonizadas à sua tese vitalista percorreram vários caminhos de construção, dentre eles, as reflexões travadas sobre as causalidades temporais diversas, chegando até a tese central de sua filosofia do tempo que inaugura uma metafísica reveladora do ser que dura, como esta apresentada por uma reflexão sobre a ritmanálise. Por sua vez, ela seria responsável por lidar com nossas energias vitais. Talvez, a disjunção entre sua filosofia e a de Bergson se dê diante da extensão e alcance que cada um delega ao valor da vida diante da aurora de todo pensamento racional, isto é, diante do desabrochar de todo idealismo forte e vigoroso.

Para Bachelard (1994, p.5), é preciso engajar-se consigo mesmo, é preciso acreditar que “o repouso está inscrito no âmago do ser”, porém, atingi-lo não é uma tarefa fácil. Nem mesmo uma vida vivida em sua simplicidade garante tal acesso à nossa intimidade, como aquela defendida no bergsonismo. Modo de se viver este, sobretudo, derivado da crença de que fazer filosofia, pensar, é um ato simples. Para assegurar tal conquista, ou seja, do sucesso do progresso do ser no tempo, é preciso ascender a um intelectualismo liberto que é tão complexo quanto à existência, ou seja, quanto o ato de viver, e que nos obriga a lidar com o dinamismo próprio que toda ação acarretada, por mais que esta pareça estanque e contínua. Sendo assim, o bem viver (objetivo principal expresso logo no início de *A dialética da duração*) é um ato de inteligência proveniente de um esforço em assumir a vida e o valor de se viver diante de sua complexidade. Atingir uma vida repousante, então, posta pelas lições filosóficas bachelardianas, comporta fugir dos ritmos ocasionais fundados sobre um tempo uniforme e regular, pois a duração é construída por ritmos pensados, muito mais que vividos, por experiências de revelações ideais por meio dos conceitos que por experiências sensíveis redutíveis às coisas dadas à primeira vista na realidade.

Referências bibliográficas

BACHELARD, G. *A dialética da duração*. Tradução Marcelo Coelho. 2.ed. São Paulo: Ática, 1994.

_____. *A intuição do instante*. Tradução Antonio de P. Danesi. 2.ed. Campinas: Verus, 2010.

_____. *La continuité e la multiplicité temporelles*. Société française de philosophie, Paris, abr. 1937.

BARBOSA, E; BULCÃO, M. *Bachelard: pedagogia da razão, pedagogia da imaginação*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BERGSON, H. *A Intuição Filosófica* - Col. Os Pensadores. Tradução Franklin Leopoldo Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 55-68.

_____. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Tradução João da Silva Gama. Lisboa: 70, 2011.

_____. *Matéria e memória*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BULCÃO. M. (Org). *Bachelard: razão e imaginação*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2005.

CANGUILHEM, G. *O conhecimento da vida*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2012.

_____. *Sur une épistémologie concordataire*. Paris: [s.n], 1979. p. 130-137.

CARIOU, M. *Bergson et Bachelard*. Paris: PUF, 1995.

CUNHA. R. S. *O essencial sobre a ritmanálise*. Lisboa: INCM, 2012.

DELEUZE, G. *A Concepção da Diferença em Bergson*. A ilha deserta. São Paulo: Iluminuras, 2006.

_____. *Bergson, 1859-1941. A ilha deserta*. São Paulo: Iluminuras, 2006.

_____. *O Bergsonismo*. Tradução Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: 34, 1994.

LECOURT, D. *Bachelard ou le jour et la nuit*. Paris: Grasset, 1974.

_____. *L'épistémologie historique de Gaston Bachelard*. Paris: Vrin, 1978.

NOÛY, L. *Le temps et la vie*. Paris: Gallimard. 1936.

ROBINET, A. *Rythme et durée*. In: M. Gandillac; H. Gouhier; R. Poirier e C. Peyrou (Org). *Bachelard: Colloque de Cerisy*. Paris: Union générale d'éditions, 1974. p. 317- 330.

VIEILLARD-BARON, J-L. *Compreender Bergson*. Tradução Mariana de Almeida Campos. Petrópolis: Vozes, 2007.

WORMS, F. *A concepção bergsoniana do tempo*. Dois Pontos, Curitiba, v. 1, n. 1, 2004, p.128-149. 2004.

_____. *La philosophie en France au XX siècle: moments*. Paris: Gallimard, 2009.

_____. *La rupture de Bachelard avec Bergson comme point d'unité de la philosophie du xx siècle en France*. In: Frédéric Worms e J-J Wunenburger (Org). *Bachelard e Bergson: continuité et discontinuité?*. Paris: PUF, 2008. p. 39-52.

WORMS, F; WUNENBURGER, J-J. *Bachelard & Bergson, continuité et discontinuité*. Paris: PUF, 2008.

Recebido em: 06/2021
Aprovado em: 08/2021

